

Potencialidades da mídia não hegemônica nas dinâmicas urbanas

Dagoberto Bordin

Jornalista, doutor em Antropologia Social (UFSC)

E-mail: dagobertobordin1962@gmail.com.

Míriam Santini de Abreu

Jornalista, doutora em Comunicação Social (UFSC)

E-mail: misabreu@yahoo.com.br.

Este dossiê pretende refletir sobre a importância dos meios alternativos¹ de informação como determinantes das ações sociais, em especial nos centros urbanos. Da comunicação comunitária à cobertura internacional de notícias, estamos num momento de ebulição que desafia a mídia hegemônica e massiva e anuncia a iminente pulverização dela. “O jornalismo alternativo está presente desde os primórdios do que se entende como jornalismo, observando mais atentamente o contexto brasileiro. Atualmente, há um crescimento significativo de iniciativas de jornalismo alternativo”.² A derrocada das grandes agências ocidentais de notícias (France Presse, criada em 1835; Associated Press, 1846; Reuters, 1851; United Press International, 1907) começou na década de 1990 e hoje nos parece irreversível.

No Brasil, a hegemonia midiática representada pela Rede Globo e seus inúmeros tentáculos se iniciou na década de 1960, financiada pelos grupos estadunidenses Time e Life, estruturadores do golpe de 1964. Como ensina a professora Martha Alves D’Azevedo,³ sofremos um controle externo sobre as informações que circulam dentro do País. As manchetes na Globo, na revista Veja, nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo são essencialmente as mesmas – o que nos faz pensar sobre a qualidade das informações que perpassam nosso dia a dia e sobre a carga ideológica das notícias que nos afetam, que estimulam nossa ação ou nossa apatia, que influenciam nosso voto e moldam nosso modo de pensar e sentir.

Temos, desde sempre, pouca informação sobre a América Latina nas nossas mídias comerciais, a cobertura é muito maior quando se trata dos Estados Unidos e da Europa. O noticiário sobre a América Latina é negativo, desastres climáticos, tráfico, pobreza. As notícias que invadem nosso imaginário agem no conjunto de toda a indústria cultural – as músicas, os filmes, os livros, as revistas em quadrinhos, os artigos acadêmicos. A língua

¹ Alternativos, independentes, não-hegemônicos, contra-hegemônicos, não comerciais, não corporativos. A terminologia é discutida em artigo a cargo da jornalista Míriam Santini de Abreu, em *A experiência urbana no jornalismo independente: entre conceitos e práticas*.

² CARVALHO, Guilherme; BRONOSKY, Marcelo. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. Revista pauta geral estudos em jornalismo 10.5212/RevistaPautaGeral, v. 4. i1. 0002. <file:///C:/Users/ProCrep1/Downloads/Dialnet-JornalismoAlternativoNoBrasil-6124734.pdf>. Acesso em 28 de abril de 2022.

³ D’AZEVEDO Martha Alves (Coord.), O jornal como formador de opinião pública. Coleção: Textos para discussão. Porto Alegre: Ufrgs/1983. D’AZEVEDO, Martha Alves. O controle externo da informação como forma da dominação. (Tese de Mestrado). Porto Alegre: IFCH/UFRGS, Porto Alegre, 1980.

franca das notícias é o inglês, a versão do mundo que nos é apresentada há mais de um século é anglo-saxã, com muito preconceito com todo o resto do mundo, em especial contra a China e a Rússia, o Sul global, os países periféricos da África, da Ásia e do Oriente Médio.

De maneira geral, as pessoas naturalizaram que é papel exclusivo dos meios de comunicação hegemônicos abastecê-las com notícias. É como abrir uma torneira e encher um copo de água, acender uma lâmpada. Aquelas são as empresas fornecedoras de um produto, a notícia, que está à venda, que gera lucro, cria milionários, uma mistura de jornalismo e publicidade que é difícil de se deslindar. Quase não se questiona a legitimidade destes meios nem o fato de que são financiados principalmente por todas as instâncias dos governos, pelos bancos, pelas indústrias, pelos detentores dos meios de produção. Não se ensina o conceito de que o cidadão tem direito à informação mais verdadeira.

Desta forma, também as manchetes que circulam dentro do Brasil são basicamente as mesmas que circulam no Ocidente inteiro.

Vivenciamos, no entanto, historicamente, e mais ainda depois do surgimento da internet, a possibilidade de quebra destes monopólios. Conforme apontam Iluska Coutinho e Caroline Marino, em “Ambiente digital como possibilidade para o exercício da contra-hegemonia: Jornalistas Livres, transmissões ao vivo e #GreveGeral”,

A internet e o ciberespaço são caracterizados por uma descentralização capaz de multiplicar as fontes de emissão, as interações entre usuários e a disponibilização de diversos tipos de conteúdos, sejam textos, sons ou imagens. (...) uma particularidade desta rede mundial é a variedade de formas de uso e apropriações, permitindo a difusão e produção de experiências informativas de caráter contra-hegemônico.⁴

Já existe vasta bibliografia a respeito das mídias não-hegemônicas. Evandro de Assis, Leonel Camasão, Mariana Rosa Silva e Rogério Christofoleti, em “Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea”, são conclusivos:

Os últimos anos têm permitido a emergência de um grande número de iniciativas jornalísticas que se autointitulam “independentes” ou “alternativas”. Os rótulos não são novos, mas se percebe que a onda atual tem

⁴ <https://www.jornalismoaudiovisual.com/artigos-nja>. Acesso em 28 de abril de 2022.

características próprias que contribuem para uma rediscussão de conceitos como autonomia, independência financeira e editorial. Um arranjo que possibilita também tensionar essa importante categoria – a independência – num cenário pós-industrial, onde é crescente a participação efetiva daqueles que antes chamávamos de públicos e onde o ativismo contraria valores históricos do jornalismo como o da imparcialidade. Os resultados a que chegamos sinalizam um panorama mais dinâmico para a definição da independência e ajustes necessários para as expectativas que essa ideia exige.⁵

A Constituição de 1988 já previa a ilegalidade da concentração dos meios de comunicação, mas a lei nunca foi regulamentada (estamos falando do parágrafo 5º, Capítulo V – Da Comunicação Social Art. 220): “Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio”. A lei ainda não foi regulamentada, mas em compensação entraram em campo a imprensa nanica, as rádios piratas, as rádios comunitárias com extensões on line, web rádios, jornais comunitários veiculados pelo Facebook, em podcasts, com a difusão de notícias pelo Instagram, Twitter, Telegram, WhatsApp. A mídia hegemônica passou a ser pautada por distintas fontes de informação. Hoje, um único “influenciador” pode ter mais audiência que diversos veículos de mídia tradicional juntos. Ao mesmo tempo, em nível global, assistimos à entrada de grandes agências de comunicação não anglo-saxãs, como Al Jazeera, Press TV, Sputnik, RT, Intel Slava, Telesur e Granma – Catar, China, Rússia, Venezuela e Cuba disseminam cada vez mais suas próprias narrativas sobre os mesmos acontecimentos. A mídia hegemônica passou a estar sempre em xeque. Ainda no cenário internacional, é curioso perceber que a dominação no campo da informação se dá também nos países chamados desenvolvidos. O homem comum, o Homer Simpson (o Dino)⁶, é sempre representante da mesma massa considerada de manobra. Enquanto escrevemos esta apresentação, o jornalista Julian Assange, do Wikileaks, está a um passo de ser extraditado da Inglaterra para os Estados Unidos, depois de ter sido arrastado, em 2019, para fora da embaixada do Equador, onde estava asilado, em Londres. Edward Snowden continua refugiado na Rússia pelos mesmos motivos – o exercício de investigação jornalística, isso em países que se dizem democráticos como os Estados Unidos e a Inglaterra (Suécia, Austrália, Alemanha...). Neste mesmo momento, a jornalista palestina

⁵ www.researchgate.net/publication/318292819. Acesso em 28 de abril de 2022;

⁶ Referência ao fato de o jornalista e apresentador William Bonner ter definido o espectador médio de noticiário como Homer Simpson, personagem de uma série televisiva. Dino, personagem de outro programa, é um dinossauro que não abre mão dos programas de televisão.

Shireen Abu Akleh, da rede Al Jazeera, foi assassinada pelo estado terrorista de Israel,⁷ uma avalanche de narrativas a respeito do conflito armado entre Rússia e Ucrânia é despejada pela mídia hegemônica no Ocidente, omitindo as dezenas de invasões estadunidenses e de seus aliados (Israel, por exemplo) mundo afora.

No Brasil, a Mídia Ninja, a TV 247, o The Intercept, o Jornal GGN, Outras Palavras, A Pública, Carta Maior, Opera Mundi, Pragmatismo Político, Portal do José, entre muitos outros, são já inúmeros (cerca de 200, entre os mais relevantes)⁸ os canais independentes, alternativos, contra-hegemônicos, que apresentam notícias e reportagens ausentes na imprensa tradicional/corporativa e desvendam a ideologia dos grupos dominantes de mídia. Cada vez menos pessoas assistem à TV aberta, os jornais impressos estão sendo extintos. Bom lembrar também que a maior reviravolta político-jurídica recente, no Brasil, relacionada à chamada Operação Lava Jato, foi provocada por um *hacker*, numa trama divulgada pelo The Intercept e não pela imprensa tradicional. “Eu era fã. Mas, assim que entendi a manipulação deles, eu me senti enganado. Vi que a Lava-Jato era mais política do que jurídica”, disse Walter Delgatti Neto (o *hacker*), que tirou o ex-presidente Lula da prisão, colocou o juiz Sérgio Moro sob suspeição e alterou radicalmente o destino político do Brasil.⁹

É neste cenário que apresentamos agora este dossiê que teve o objetivo inicial de mostrar os meios alternativos de comunicação como patrimônio, memória tangível e intangível. Trata-se – esta – de uma discussão pública, como pode ser visto na figura a seguir, assunto deste mesmo ano de 2022, com relação à Rádio MEC (“Rádio MEC pode se tornar patrimônio histórico e cultural imaterial – Emissora criada em 1923 é gerida desde 2007 pela EBC”).¹⁰ Mas o conjunto de artigos acabou se consolidando em torno de suas próprias e muitas vezes efêmeras experiências temporais de arranjos comunitários, universitários, de caráter grupal, associativo, de redes de interesse. O propósito inicial do dossiê foi alcançado, num plano secundário.

A comunicação – seja qual for a origem das informações – permeia o dia a dia de todas as pessoas, de diferentes maneiras. Determina a ação ou a inação destes coletivos

⁷ <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/11/jornalista-palestina-e-morta-a-tiros-pelo-exercito-de-israel-durante-cobertura-na-cisjordania>. Acesso em 26 de maio de 2022.

⁸ <https://www.sintrafesc.org.br/midia-alternativa/>. Acesso em 23 de abril de 2022.

⁹ <http://josiasgomes.com.br/a-pa-de-cal-no-cadaver-da-lava-jato/>. Acesso em 23 de abril de 2022.

¹⁰ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2022-04/radio-mec-pode-se-tornar-patrimonio-historico-e-cultural-imaterial>. Acesso em 23 de abril de 2022.

no mundo. Os meios de comunicação, portanto, podem ser apropriados pelas populações de determinado bairro, cidade, estado, e atuar neles é um aprendizado diário para os comunicadores que vivem no meio destas populações. Eles interagem como profissionais e, ao mesmo tempo, como protagonistas de alternativas à comunicação hegemônica, porta-voz dos interesses econômicos, dos quais precisa para se manter no poder, um poder que se retroalimenta.

A mudança que se propõe está instalada: o direito à informação deve ser exercido pelos agrupamentos geograficamente localizados ou reunidos a distância. Apesar de a maioria das pessoas ainda estar acostumada a absorver a mesma mídia dominante nos mais recônditos rincões do País, a mídia independente contribui para a construção de novas identidades e o reconhecimento de atores locais – é documentação acerca das notícias veiculadas localmente e inegável sua influência sobre as pessoas que estão sujeitas a esta exposição noticiosa. A realidade midiaticizada, desta maneira, afeta o cotidiano dos cidadãos e sua relação com os espaços urbanos, locais em que estas mídias se disseminam e em que os próprios agentes de comunicação interagem com seus objetos de cobertura. Informação com credibilidade significa tornar possível a ação responsável e, assim, a mídia não hegemônica permite que se busque cada vez mais a consolidação da cidadania.

Figura 1. Cartaz de divulgação de audiência pública no Rio de Janeiro.



Fonte: www.facebook.com/photo/?fbid=2195614093919766&set=a.108138809333982. Acesso: 23 de abril de 2022.

O título do dossiê opta pela expressão “mídia não hegemônica”, mas os conceitos não dão necessariamente conta da pluralidade das práticas e das formas como elas se autodenominam: independente, comunitária, alternativa, popular, coletiva, contra-hegemônica, inovadora. Um quadro bastante elucidativo dessa pluralidade de conceitos e práticas aparece na coletânea “Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas produtivas”, lançado em 2021 por Roseli Figaro e Cláudia Nonato a partir de uma iniciativa coletiva do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CPCT-ECA-USP). São arranjos alternativos e independentes, “porque esses e essas jornalistas buscam arranjar-se para cumprir a missão de bem informar, muitas vezes, deixada de lado pela mídia *mainstream*”, e também “porque buscam uma alternativa independente de trabalho que possa trazer dignidade ao fazer cotidiano, sem afrontar a ética profissional (...)” (2021, p. 8).

A mídia não hegemônica, assim como a hegemônica, foi afetada pela pandemia de Covid-19 e suas consequências, agravadas, no Brasil, pelas disputas eleitorais, reformas constitucionais, empobrecimento e superexploração de trabalhadores, entre eles jornalistas, condições que afetam também as dinâmicas urbanas. Nessa perspectiva, o Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina (NAUI/UFSC) promoveu o encontro “Mídia não hegemônica e memória nas dinâmicas urbanas”, em 27 de agosto de 2021, com quatro debatedores, três deles autores de artigos que integram o presente dossiê, que assim se estrutura:

No primeiro artigo, *Utopia: uma rádio e um jornal comunitários na Praia da Pinheira*, Dagoberto Bordin conta sua versão das histórias do jornal *Espinheira* e da Rádio Comunitária Pinheira, dois meios de comunicação comunitária que coexistiram até recentemente numa mesma comunidade litorânea, no município de Palhoça/SC. Em seguida, em *A experiência urbana no jornalismo independente: entre conceitos e práticas*, a jornalista Míriam Santini de Abreu examina como a experiência urbana aparece no jornalismo independente a partir de reflexões da antropologia urbana e da teoria da produção do espaço, com uma análise do portal Floripa Centro, de Florianópolis (SC), e do Sul21, de Porto Alegre (RS). Os dois veículos mostram que, para além da independência econômica, política e/ou ideológica, há a independência do olhar do

jornalista que se embrenha nas brechas do que o jornalismo hegemônico trata como resíduo e não digno de aparecer na pauta noticiosa. Aqui, surge o que o jornalismo hegemônico esconde, tergiversa, indiferencia, invisibiliza, torna indiferente ou simplesmente omite como estratégia editorial, economia de recursos ou falta de tempo no produtivismo que assola as redações, perdendo-se assim o rico potencial dos textos que dão vida à singularidade do cotidiano na vida urbana.

No terceiro, *Rádios comunitárias: ativismos e resistência nas redes sociais*, a cientista social Maria Inês Amarante apresenta a experiência do Movimento Nacional de Rádios Comunitárias, que formou uma rede de 890 rádios durante as eleições de 2018. A autora busca mostrar como grupos de comunicadores inovam suas estratégias de luta e resistência em tempos de convergência midiática. “Para além de uma apropriação das tecnologias digitais, é necessário sensibilizar o público em geral para que atue na construção da democracia, revigorando o direito à comunicação”, explica Maria Inês.

A jornalista Elaine Tavares discute, em *Rádio Campeche e a participação popular no Plano Diretor de Florianópolis na perspectiva do jornalismo libertador*, o papel da rádio comunitária na participação popular no Plano Diretor de Florianópolis e os caminhos para o jornalismo libertador e a democratização da comunicação.

Os textos que se seguem são experiências práticas de exercício de narrativas não hegemônicas, a começar pelo artigo intitulado *Narradores do Monte Serrat*, do arquiteto Guilherme Ruchaud. O ensaio propõe reflexões sobre o campo da narratividade enquanto instância da vida política das cidades a partir de uma pesquisa etnográfica realizada na comunidade do Monte Serrat, em Florianópolis. Guilherme Ruchaud apresenta um artigo em que atribui às narrativas e aos narradores das histórias sobre o bairro Monte Serrat a própria construção simbólica da identidade daquele espaço da cidade, situado numa encruzilhada entre o Centro e a periferia. As diversas narrativas, oportunizadas cada vez mais pelos meios alternativos de comunicação, dão novas identidades tanto aos lugares quanto aos habitantes destes lugares ou às pessoas que transitam por eles, que os vivenciam. O autor discute o gesto de narrar em associação com os modos de produzir o território na cidade, “sempre em um complexo campo de disputas com as representações hegemônicas da cidade sobre suas periferias”.

Claudia Aparecida Weinman e Julia Saggioratto fazem um apanhado histórico do surgimento do “Jornal Comunitário” em São Miguel do Oeste. O artigo *Comunicação*

popular e a experiência do “Jornal Comunitário” de São Miguel do Oeste/SC examina a experiência deste meio de comunicação não hegemônico que existe há 10 anos, na perspectiva da comunicação popular. “É um jornal em que as comunidades empobrecidas e invisibilizadas se reconhecem e têm suas realidades evidenciadas como pauta central”.

A jornalista Luiza de Britto Dorneles, em *Cruzar o muro para escutar: memórias e pertencimento no Quilombo Flores (Porto Alegre, RS)* expõe as lembranças de uma família quilombola em relação com um território confiscado pelo Colégio Marista Assunção que, em 2014, construiu um estacionamento em uma área de usufruto da comunidade.

A propósito, foi justamente em Porto Alegre que ocorreu uma ação inédita às vésperas das eleições de 2018. No dia 27 de outubro, meios de comunicação alternativos dos mais diversos perfis estiveram lado a lado para uma transmissão conjunta, em rede, durante 13 horas, em suas páginas no Facebook. Foram 16 as mídias que construíram essa ação, denominada “Mídias alternativas pela democracia”: Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (Alice), Amigos da Terra Brasil, Anú – Laboratório de Jornalismo Social, Boca de Rua, Brasil de Fato RS, Coletivo Catarse, Comunicação Kuery, Esquerda Online, Jornal JÁ, Jornalismo B, Manifesto POA, Mídia Ninja, Nonada – Jornalismo Travessia, Rádio Comunitária A Voz do Morro, Rede Soberania e TV Nação Preta¹¹.

De volta ao dossiê, *La Cueva del Aullido y los Kantantes* – de Lenin Enrique Ignacio Vásquez – relata uma experiência radiofônica alternativa iniciada na cidade de Oaxaca, no México, que agora já é retransmitida em quase 50 estações de rádio, uma delas a Rádio Campeche, em Florianópolis. Não se trata, neste caso específico, de um artigo acadêmico, mas de um texto ilustrativo de como se idealizou e se realiza este projeto, na voz do diretor do programa.

Doutor em Comunicação, Valdeci Reis nos traz uma experiência recente de Buenos Aires. *Ativismo e mídia independente em tempos de devastação social: notas da insurreição juvenil na Grande Buenos Aires* relata e analisa as táticas de mobilização do movimento La Cámpora, articulação de jovens argentinos de esquerda. Para o autor, faz-se necessário que os movimentos sociais estejam presentes nas redes sociais digitais e

¹¹ www.brasildefato.com.br/2018/11/26/midias-alternativas-unidas-pela-democracia. Acesso: 23 de abril de 2022.

tenham capacidade de estruturar mídias alternativas para dialogar com as massas e ampliar seu trabalho de base nas comunidades periféricas. Conforme o autor, Fernando Calderón e Manuel Castells, ao analisarem as insurreições juvenis recentes ocorridas na América Latina, identificaram quatro elementos decisivos no processo organizativo dos novos movimentos populares: 1) a ação em rede dos movimentos socioculturais com carga subjetiva, que buscam novas formas de existência; 2) as experiências locais e horizontais de tomada de decisão política; 3) a comunicação horizontal de massas que se produz nas redes sociais; 4) a ação comunicativa direta que se produz sobretudo entre líderes carismáticos e sociedade no espaço público informacional. “No objeto problematizado neste artigo – movimento La Cámpora –, adiciono um quinto elemento: a capacidade de articulação com as mídias independentes. A construção da Rede Nacional de Mídia Alternativa é apenas um exemplo da capacidade destes coletivos de promoverem interação dialógica com a sociedade argentina”.

Tecendo identidades abertas: a experiência do Laboratório de Comunicação Intercultural e suas redes na Panamazônia, de Guilherme Gitahy de Figueiredo, faz um histórico do programa de extensão universitária Laboratório de Comunicação Intercultural em Tefé (AM) que, em parceria com o coletivo Centro de Mídia Independente de Tefé, tem o objetivo de promover a comunicação horizontal.

Dairan Paul – que finaliza a coletânea – esmiúça as relações entre a mídia hegemônica e a mídia alternativa, em especial quando a mídia alternativa pauta a mídia comercial, que se apropria de seus conteúdos: *A questão do crédito no trabalho de arranjos alternativos às corporações de mídia*. “A partir de seis casos, discuto como essa problemática estrutura o campo jornalístico e afeta sobretudo as iniciativas que se autodenominam ‘independentes’ ou ‘alternativas’. Os exemplos demonstram que veículos da chamada ‘grande imprensa’ acabam, por vezes, apropriando-se de apurações feitas pelos arranjos e evitam creditá-los, seja por orientação editorial, pela ausência de reconhecimento simbólico ou pelo reforço a uma lógica de mercado que se sobrepõe aos preceitos da ética jornalística”.

O conjunto de artigos deste dossiê orchestra assim pesquisas e experiências de comunicação e jornalismo que, de diferentes modos, têm como horizonte a emancipação humana em todos os sentidos e possibilidades.